

# *Minha pátria é minha língua: a celebração do discurso monolíngue na revista Vogue*

Fernando Zolin-Vesz<sup>a</sup>

Alinee Silva dos Santos<sup>b</sup>

Márcio César Cardoso<sup>c</sup>

## **Resumo**

*Este artigo analisa a celebração da língua portuguesa, constante da edição brasileira n. 479 da revista Vogue, de julho de 2018, tanto na capa da referida edição quanto no texto Português na veia, escrito por Nizan Guanaes e publicado em suas páginas. Tomando por base a concepção de discurso monolíngue, conforme delineada por Zolin-Vesz e Santos (2017), intenta-se retratar o posicionamento monolíngue, sugerido na capa e no texto mencionados, como tentativa de construir uma concepção/uma visão de língua portuguesa “essencializada”, ou seja, uma instituição monocêntrica que contribui para engendrar a noção de “pátria” e que precisa ser injetada “na veia” dos brasileiros, como parte inerente ao processo de composição do eixo território-língua-identidade-literatura nacionais. Os resultados da análise sugerem que o discurso monolíngue, o qual conduz à celebração da língua portuguesa na referida edição da revista Vogue, contribui para o engessamento da concepção de língua (nacional).*

**Palavras-chave:** discurso monolíngue; língua portuguesa; revista Vogue.

Recebido em: 06/11/2018

Aceito em: 11/03/2019

<sup>a</sup>Professor da área de Linguística no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, na Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: fernando\_vez@hotmail.com.

<sup>b</sup>Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: santosalinee@gmail.com.

<sup>c</sup>Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: teachermarciotm2@gmail.com.

## Introdução

Embora as configurações do mundo contemporâneo estejam possibilitando práticas linguísticas cada vez mais diversas – ver, por exemplo, os fenômenos linguísticos descritos como bilinguajamento (MIGNOLO, 2003), *transidiomatic practice* (JACQUEMET, 2005; 2016), transglossia (ASSIS-PETERSON, 2008; COX; ASSIS-PETERSON, 2006) e *translingual practice* (CANAGARAJAH, 2013), entre outros –, ainda é possível identificar manifestações que sugerem a manutenção da concepção de língua galgada no discurso monolíngue (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2017), de modo a considerar como legítimas e aceitáveis apenas aquelas práticas em concordância com a noção de língua nacional, conforme preconizada pelo Estado-Nação e integrante do eixo território-identidade-literatura nacionais.

Nessa seara, o discurso monolíngue parece continuar enraizado de tal forma no modo como concebemos língua, mantida como um “sistema fechado, autônomo e diferente de outras línguas, atrelado a um território geográfico específico” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 218), que, ao ser “celebrada” em uma edição temática de uma das revistas de moda mais conceituadas do mundo, o engessamento dos valores de verdade relacionados ao discurso monolíngue (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2017) continua a apresentar, como únicas possibilidades legítimas, aquelas práticas linguísticas que consideram privilegiadamente a gramática normativa e a relação língua (nacional)-território.

Por esse ângulo, neste artigo, analisamos primeiramente a capa da edição n. 479 da revista *Vogue*, de julho de 2018, intitulada “Minha pátria é minha língua”, cujo propósito é “celebrar o português” por meio de uma “viagem espetacular” por cidades de países que o tomam como língua nacional. Além disso, examinamos o artigo de opinião *Português na veia*, escrito por Nizan Guanaes e publicado nas páginas da referida edição, o qual apresenta o português como uma “língua para alimentar a alma, da qual [nós, brasileiros] devemos nos orgulhar” (GUANAES, 2018, p. 164). Embora os elementos não sejam esquadrinhados à exaustão, consideramos que a capa, bem como excertos do texto estampado na edição da revista citada (quatro, ao total) configuram-se como demonstração do discurso monolíngue, o qual, na acepção foucaultiana de

discurso, cria sentidos que se desdobram em determinado(s) efeito(s) de verdade (FOUCAULT, 2008; ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2017). Destarte, coadunam-se com a concepção de língua determinada pelos meandros das delimitações impostas pelo surgimento da noção de Estado-Nação. Antes, porém, de enveredarmos pela análise da capa e do texto mencionados, buscamos ampliar a discussão em torno da institucionalização do discurso monolíngue e os efeitos de verdade que produz em relação à concepção de língua (nacional), vinculada ao eixo território-identidade- literatura nacionais.

### **1. O discurso monolíngue e o eixo território-identidade- língua-literatura nacionais**

Primeiramente, convém salientar que línguas não são tomadas, neste artigo, como realidades factuais, mas como invenções, ou seja, tomadas como produto de discursivização “[...] no interior de um dispositivo com fins de gestão e controle de povos e de terras” (SEVERO, 2016, p. 12). Por esse viés, lançamos mão da definição de discurso monolíngue também como invenção, a qual começou a se solidificar na Europa Ocidental durante o século XVIII e recebeu importante influência do Romantismo. Conforme observa Canagarajah (2013), os pensadores românticos acreditavam que a língua incorporava o espírito, os pensamentos e os valores da comunidade à qual estava relacionada, além de defenderem que a língua e a comunidade estavam enraizadas em um território determinado. Segundo o autor, por meio dessa demarcação entre língua, comunidade e território, emergiu a chamada tríade herderiana, essencial para a consolidação da acepção de que cada língua deveria ser entendida como um sistema autônomo, hermético e controlado por uma gramática normativa. De igual modo, para a tríade herderiana, a imprescindibilidade da natividade contribui para a glorificação do falante nativo como superior em relação ao falante não nativo: os falantes nativos de determinada comunidade constituem os “verdadeiros donos” da língua, uma vez que compõem aquela comunidade e possuem “naturalmente” a identidade que é “intrínseca” a esse território. Nessa premissa, o eixo língua-território-identidade nacionais começa a ser instituído.

Nessa seara, esse eixo parece ser formatado como herança das concepções de homogeneidade difundidas pela constituição do Estado-Nação, expressas pela máxima um território, uma comunidade, uma língua comum e uma identidade única compartilhada por essa comunidade. O surgimento da noção de Estado-Nação, portanto, consiste em elemento imprescindível para a compreensão do conceito de língua (nacional). Bauman (2016, p. 19) atribui a concepção do Estado-Nação à derrocada do chamado *ancien régime*, prometendo garantir segurança nos aspectos políticos e materiais. O regime, cuja característica principal era a descentralização dos poderes político e econômico, os quais se encontravam nas mãos dos senhores feudais, proprietários das terras, teria entrado, de acordo com Bauman (2016, p. 20), em processo de falência por força de fatores como o aumento da transição populacional devido ao renascimento comercial, além de guerras, aumento de impostos e disseminação de doenças. Tal cenário produziu um sentimento de caos e incerteza na sociedade. Ademais, ainda segundo o autor, o modelo de Estado estava engajado apenas em extrair: não havia, portanto, preocupação com o modo de vida tampouco com os meios utilizados pelos produtores de valor.

Desse cenário de desesperança e medo, conforme Bauman (2016), surgem as sementes que possibilitam a estruturação do Estado moderno: o Estado-Nação propõe “[...] a substituição do caos e da incerteza por uma harmonia pré-desenhada e pela ordem planejada e controlada” (BAUMAN, 2016, p. 20). Em nome dessa segurança e dessa estabilidade, o Estado moderno ambicionava interferir em todos os aspectos da vida humana, a fim de monitorá-la, registrá-la, regulamentá-la, administrá-la e controlá-la. Nesse aspecto, destaca Bauman (2016, p. 21), a *conditio sine qua non* do Estado-Nação apresentaria dois princípios fundamentais: (1) demarcar seus territórios e delimitar suas fronteiras físicas, sendo necessário um governo que os resguardasse; (2) homogeneizar os grupos sociais dentro de seu território, assim oferecendo segurança aos indivíduos que formassem sua população. Dessa forma, ainda de acordo com o autor, nasce a relação de pertencimento entre cidadãos e território: o conceito de nação englobaria os cidadãos pertencentes a um mesmo território e os definiria como “nacionais” em contraposição aos “não nacionais”.

Assim, desponta o conceito de nacionalidade, derivado da pretensa construção de comunidades homogêneas, sem interferências exteriores, organizadas geopoliticamente e com fronteiras geográficas definidas, o que confirma a concepção de território vinculada à noção de Estado-Nação. Assegura-se, por conseguinte, a consolidação das línguas nacionais, cujo surgimento estaria “em cumplicidade com o Estado e com instituições que regulamentavam os usos e os abusos da língua” (MIGNOLO, 2003, p. 345). É sob esse pressuposto que, de acordo com o autor, surgem tanto a definição de língua nacional quanto a concepção de Estado-Nação: a figura dos “não nacionais”, do estranho/estrangeiro (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2017), é apresentada como ameaça à estabilidade nacional, pois deteriora, corrompe, aterroriza, corrói (como apontamos na seção analítica deste artigo) a homogeneidade que se espera do Estado-Nação e da língua (nacional).

Nesse cenário de pretensa estabilidade, estabelece-se o discurso monolíngue e a conseqüente defasada concepção de purismo linguístico: a língua passa a ser definida como uma “entidade singular, um sistema [...] atrelado a um território geográfico específico, que possui uma língua comum, uma língua padrão” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 218). Essa definição se torna o centro do conceito de língua nacional – “[...] as variedades marginalizadas e as línguas minoritárias, que integram o território-nação, são consideradas negativas e potencialmente problemáticas, influências que corrompem a ‘pureza’ da língua-mãe” (ZOLIN-VESZ, 2015, p. 58). Ademais, Mignolo (2003, p. 299) acrescenta que a valorização de uma língua (nacional) considerada “pura” poderia contribuir para a formação de uma literatura nacional, uma vez que apenas uma “língua pura” seria capaz de expressar, com precisão, o espírito e os valores da comunidade à qual estava associada. Portanto, a concepção de língua nacional, vinculada à acepção de Estado-Nação, proporcionou a demarcação e a exaltação de uma literatura nacional, também única e normativizada.

Essa postura parece confirmar um dos efeitos do discurso monolíngue: com a glorificação da língua (nacional), tudo que não integra aquela comunidade/território/Estado-Nação constitui ameaça à língua/identidade/literatura nacional. A manutenção da idealização de língua nacional aparece, assim, como garantia de preservação da identidade e da literatura nacionais, o que

sugere a validação do eixo língua-território-identidade-literatura nacionais, conforme apresentado anteriormente. Por esse viés, iniciamos a análise pela capa da revista *Vogue*.

## 2. Minha pátria é minha língua: a celebração do português

Ao observarmos a capa da edição brasileira da revista *Vogue*, ao menos dois elementos interdependentes saltam aos olhos. O primeiro é a inclusão de uma modelo negra portando uma bolsa a qual estampa o nome do escritor brasileiro Jorge Amado. O segundo, o título da edição da revista: “Minha pátria é minha língua”.

**Fig. 1:** Capa da Revista *Vogue*, edição brasileira, n. 479, de julho de 2018



A conjugação entre a modelo colocada como protagonista de todo o cenário e a escolha da menção ao escritor Jorge Amado, por meio da bolsa que compõe o vestuário, parece configurar a relevância que esse autor adquiriu na composição da concepção tanto de identidade quanto de literatura nacional (GOLDSTEIN, 2003). De igual modo, o título da edição – “minha pátria é minha língua” –, que pode ser associado a “Minha pátria é a língua portuguesa”, excerto do *Livro do desassossego*, do escritor português Fernando Pessoa, parece caminhar para a mesma direção, ou seja, exaltação/celebração da constituição da identidade e da literatura nacionais – agora, pelo viés da idealização de língua (nacional). Cabe ressaltar, por esse ângulo, a noção de pátria como invenção do Estado-Nação: um território específico, demarcado geograficamente, o qual se pretende homogêneo em sua constituição, principalmente no que se refere à língua autorizada por essa comunidade para seus propósitos de formação de uma identidade e de uma literatura. Assim, língua como pátria diz respeito ao lugar a que se pertence, ou, retomando os pressupostos fundadores do discurso monolíngue, à língua e à comunidade enraizadas em um território determinado de modo a homogeneizar os grupos sociais dentro desse território.

Desse modo, a relação entre língua e território contribui para potencializá-la como meio de pertencimento (ou não) a determinada comunidade, a qual divide a mesma identidade e os mesmos escritores, consagrados pelos grilhões da literatura nacional. Tal perspectiva, que alavanca a construção de língua como pátria, pode ser também observada no subtítulo, composto por nomes de cidades/territórios – Salvador, Lisboa, Luanda e Maputo – localizadas em países cuja língua oficial, por determinação do estabelecimento do Estado-Nação, é o português: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, respectivamente. Em suma, mantém-se imaculado o eixo língua-território-identidade-literatura nacionais, mediante a inserção de elementos considerados expoentes na formação da literatura nacional, tendo em vista tanto escritores, como Jorge Amado e Fernando Pessoa, quanto a celebração da língua portuguesa na qualidade de garantia de preservação da identidade e da literatura nacionais.

Ainda em relação ao subtítulo, vale sublinhar o sintagma “celebrar o português”. Nesse ínterim, o emprego do verbo

“celebrar” parece corroborar a característica singular do discurso monolíngue de exaltação da língua nacional, já que a coloca como a única que deve ser celebrada. Por sua vez, o uso da expressão “o português”, no singular, sugere a ratificação da concepção de língua nacional, conforme abordada anteriormente: um sistema uno, fechado, puro, imutável e invariável, que possui determinadas formas corretas e possíveis.

Por último, pode-se afirmar que a capa da revista se apresenta como uma síntese da proposta da edição em “celebrar o português”, afigurando-se como um cartão de visitas para o leitor sob a égide do sacrossanto eixo língua-território-identidade-literatura nacionais. Essa mesma exaltação, glorificação da língua nacional pode ser constatada em um dos textos publicados na referida edição da revista *Vogue – Português na veia*, escrito por Nizan Guanaes –, o qual passamos a analisar na sequência.

### **3. Amigos, mais uma vez, língua portuguesa na veia!**

Ressaltamos, inicialmente, que a análise desenvolvida neste artigo busca compreender a celebração da língua portuguesa constante da referida edição brasileira da revista *Vogue*, de modo que tal configuração busque demonstrar o enraizamento do discurso monolíngue na forma como concebemos língua, até mesmo quando uma das revistas de moda mais conceituadas do mundo decide publicar uma edição temática dedicada a “celebrar a língua portuguesa”. Portanto, o artigo de opinião *Português na veia* não é examinado em seu todo, mas enfatizam-se os excertos que buscam construir essa compreensão. Em virtude dessa peculiaridade, quatro excertos são apresentados e esmiuçados com o propósito de evidenciar pressupostos do discurso monolíngue, divididos aqui em duas categorias: (1) a pretensa pureza e estabilidade da língua nacional; (2) o eixo língua-território-identidade-literatura nacionais.

Em relação à primeira categoria, conforme destacamos anteriormente, o discurso monolíngue concebe “língua como conceito monocêntrico e territorializado” (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2017, p. 83). Uma das implicações desse posicionamento é considerar a convivência entre diversas línguas em um mesmo território como ameaça à pureza da língua nacional, ou seja,



como algo que deve ser rejeitado, ou até mesmo banido. Essa postura pode ser observada nos excertos 1 e 2:

**Excerto 1**

O Brasil, que é inseguro de si, tendo a língua portuguesa que tem palavras exuberantes como “saudade” ou “lágrima”, tem uma elite que adora falar *níver, sorry, thanks*. (GUANAES, 2018, p. 164).

**Excerto 2**

[...] pequeno almoço é mais bonito que *brunch* [...] (GUANAES, 2018, p. 164).

Ambos os excertos parecem reiterar o discurso monolíngue e apresentar a celebração da língua portuguesa e sua “pureza”. Isso pode ser evidenciado, no primeiro excerto, por meio da associação do emprego de *sorry* e *thanks* à insegurança, pois, uma vez seguro[s] de si, o Brasil [ou os brasileiros] não precisaria[m] recorrer a elementos de outras línguas para expressar-se: a língua portuguesa oferece “palavras exuberantes”, como afirma o autor. Além disso, pode-se concluir, mediante a análise do excerto 1, que uma língua nacional “pura” possibilita segurança; é a distância dela que causa insegurança, pois a língua nacional pode ser equiparada ao porto seguro, onde não há ameaças. Lembremo-nos de que a homogeneização dos grupos sociais dentro do Estado-Nação visa a oferecer segurança aos indivíduos: a língua nacional, como parte integrante do eixo território-identidade-literatura nacionais, também concorre para essa finalidade. Nessa perspectiva, o primeiro excerto encerra a compreensão, relacionada ao discurso monolíngue, de que apenas a língua nacional poderia trazer essa condição de segurança. Na mesma linha, o segundo excerto, ao indicar que “pequeno almoço é mais bonito que *brunch*”, aponta para a celebração/glorificação da língua portuguesa, além de sugerir que somente a língua nacional possui a capacidade de expressar o espírito e os valores do Estado-Nação no qual é considerada oficial: *brunch* não é bonito como “pequeno almoço”, uma vez que expressa o espírito e os valores de outro(s) Estado(s)-Nação, cuja língua oficial é o inglês. Sendo a glorificação da língua nacional o propósito e o fim, qualquer forma de uso que nos pareça mais capaz de garanti-la é preferível a todas as demais.

Ainda inserido na primeira categoria, o excerto três parece exacerbar o centro do conceito de pureza da língua nacional, por meio do privilégio da gramática normativa, de modo que as demais variedades que integram o território do Estado-Nação sejam compreendidas como potencialmente problemáticas, ou até mesmo como “terrorismo verbal” contra a língua-mãe, como o autor sugere no excerto.

**Excerto 3**

Eu tenho alguns amigos assim e gosto de vê-los em seu terrorismo verbal. Tem um amigo até que é gordinho de tanto comer ‘S’ (esses) [...] (GUANAES, 2018, p. 164)

O substantivo “terrorismo” tem ganhado, desde os atentados às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, uma carga semântica bastante negativa, pois passou a ser considerado como sinônimo de extrema violência e intolerância. Nesse viés, considerar desvios relacionados à gramática normativa como terrorismo parece apontar para um posicionamento engendrado no discurso monolíngue, que considera manifestações linguísticas que destoam do que é estabelecido pelas rígidas e herméticas regras da gramática normativa como séria ameaça à pureza da língua nacional, ou, como quer o autor, uma forma de violência contra a língua-mãe. Como o discurso monolíngue defende a utilização da língua conforme estabelecida pelas regras gramaticais e não reconhece a possibilidade de novas configurações e manifestações linguísticas, cometer falhas em relação a isso, como “comer ‘s’ (esses)”, é violentar a língua-mãe e sua pureza, o que seria potencialmente problemático.

Já o excerto 4 se refere à segunda categoria de análise dos pressupostos do discurso monolíngue: o eixo língua-território-identidade-literatura nacionais. De modo particular, reforça a relação entre língua, identidade e literatura nacionais.

**Excerto 4**

Neste momento triste da nação, língua portuguesa na veia, porque em Castro Alves, Machado de Assis e Guimarães Rosa a gente encontra a autoestima e a confiança que o Brasil de hoje recusa. (GUANAES, 2018, p. 164)

A relação entre língua, identidade e literatura nacionais pode ser identificada mediante a lista de escritores da literatura em língua portuguesa elencados pelo autor como referência.

Nota-se que não foram apresentados no excerto quaisquer nomes da literatura em língua portuguesa, mas aqueles considerados canônicos, que essa literatura celebra como grandes representantes do português. Nessa perspectiva, Castro Alves, Machado de Assis e Guimarães Rosa, como autores literários pertencentes a uma comunidade e a um território que possui como língua nacional o português, possuem legitimidade, de acordo com o discurso monolíngue, para serem exaltados, pois, por intermédio da valorização da língua nacional, contribuem para a formação e a consolidação tanto de uma literatura quanto de uma identidade nacional.

Outro ponto do excerto a ser considerado é a apresentação da língua como a responsável pelo fomento da autoestima e da confiança frente a um “momento triste da nação” devido à recusa desse espírito e desses valores, que, em conjunto com a língua nacional, compõem o Estado-Nação chamado Brasil. Quando a sociedade começa a fracassar e/ou “se contaminar”, a manutenção da língua nacional aparece como garantia da preservação da identidade nacional, ou seja, como garantia de salvação daquele espírito e daqueles valores constituintes do Estado-Nação. Além disso, o sintagma “língua portuguesa na veia” sugere a vivacidade da língua nacional para a sobrevivência da concepção de Estado-Nação. Como o excerto sugere, não é possível viver – quiçá encontrar a autoestima e a confiança – quando não possuímos a garantia do que é necessário e fundamental para a manutenção da vida. Logo, o sintagma “língua portuguesa na veia” só seria possível se amparado pelo discurso monolíngue, que entende a língua como a essência da comunidade e a única capaz de fazer possível a expressão de valores, de sentimentos e de pensamentos dessa comunidade/Estado-Nação: sem a língua nacional, essa expressão não seria possível, configurando-se, assim, o fim da vida do Estado-Nação e, por conseguinte, de toda a idealização de língua, identidade e literatura nacionais.

Por fim, com base nos excertos examinados, verifica-se que o artigo de opinião *Português na veia*, escrito por Nizan Guanaes, contribui para a celebração do discurso monolíngue, uma vez que possibilita a confirmação do eixo língua-território-identidade-literatura nacionais: a língua nacional é tomada como a única possibilidade legítima de manifestação linguística e literária (da língua portuguesa), além de ser enaltecida como o

mecanismo que identifica os brasileiros em sua nacionalidade, como elemento vital para a manutenção da vida e da alma (ou seria homogeneização?) que constitui o Estado-Nação.

### Considerações finais

Neste artigo, analisamos “a celebração da língua portuguesa” constante da capa da edição n. 479 da revista *Vogue*, de julho de 2018, bem como em quatro excertos do texto *Português na veia*, publicado nas páginas da referida edição. Para tanto, pautamo-nos na definição de discurso monolíngue e seus efeitos de verdade. A análise parece apontar para a manutenção da engessada concepção de língua (nacional) atrelada a determinado território (nacional)/Estado-Nação, além de circunscrevê-la como marca identitária e literária da comunidade que se situa nesse território/Estado-Nação.

À guisa de conclusão, analisar a presença do discurso monolíngue na mencionada edição de uma revista de grande circulação nacional, cujo propósito era “celebrar o português”, pode contribuir para ponderarmos sobre a estabilidade da concepção de língua que ainda impera em nossa sociedade. Tal caminho pode nos conduzir à necessária “[...] desarticulação de uma das principais crenças no imaginário do sistema mundial colonial/moderno: a cumplicidade entre língua, literatura/cultura e nação” (MIGNOLO, 2003, p. 374), de modo que passemos a compreender a concepção de língua não apenas traçada por sua suposta unicidade, sua inventada relação com determinado território, comunidade e identidade, mas por meio de sua multiplicidade de manifestações que integram o mundo contemporâneo.

### REFERÊNCIAS

ASSIS-PETERSON, A. A. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóssicos e transculturais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 47, n. 2, p. 323-340, jul./dez. 2008.

BAUMAN, Z. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CANAGARAJAH, S. *Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations*. Londres: Routledge, 2013.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. The notion of transglossia and the phenomenon of linguistic mestizations in contemporary societies. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 20, p. 131-151, jan./jun. 2006.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOLDSTEIN, I. S. *O Brasil best-seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: Ed. Senac, 2003.

GUANAES, N. Português na veia. *Vogue Brasil*, São Paulo, n. 479, p. 164, jul. 2018.

JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. *Language & Communication*, n. 25, p. 257-277, 2005.

JACQUEMET, M. Transidioma. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 40, p. 19-32, jan./jun. 2016.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

SEVERO, C. G. A invenção colonial das línguas da América. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 11-28, 2016.

VOGUE BRASIL. São Paulo, n. 479, p. 164, jul. 2018.

ZOLIN-VESZ, F. *Esse é o final de uma era triste e o começo de uma fase muy feliz: translinguismo em telenovelas brasileiras*. 2015. 133 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

ZOLIN-VESZ, F. Gusta me mucho: enunciados des/reterritorializados e a concepção de língua. *Linguagem & Ensino*, v. 19, n. 1, p. 217-228, 2016.

ZOLIN-VESZ, F.; SANTOS, A. S. A legitimação do discurso monolíngue em textos produzidos por alunos do curso de Letras. In: ZOLIN-VESZ, F. (Org.). *Linguagens e descolonialidades: volume 2 - práticas languageiras e produção de (des) colonialidades na contemporaneidade*. Campinas: Pontes, p. 79-88, 2017.

### **Abstract**

#### ***My homeland is my language: the monolingual discourse celebration in Vogue magazine***

*This paper aims at analysing the celebration of the Portuguese language verified in the Brazilian issue number 479 of Vogue magazine, published in July 2018. The analysis addresses to the cover of the magazine as well to the text Portuguese in the vein, written by Nizan Guanaes and also published in the referred issue. Taking into account the conception of monolingual discourse, as designed by Zolin-Vesz and Santos (2017), it portrays the monolingual placement suggested by the cover and the text above mentioned in relation to the construction of an essentialized Portuguese language, a monolithic institution that contributes to the notion of homeland and has to be injected in the veins of Brazilian people as the inherent part of the axis national territory-language-identity-literature. Results suggest that the monolingual discourse conducts the celebration of the Portuguese language in the issue of Vogue magazine as well as contributes to harden the conception of (national) language.*

**Keywords:** *monolingual discourse; Portuguese language; Vogue magazine.*